

Esta obra faz parte do acervo do Instituto de Estudo da Filosofia de Fatima – Casa de Fátima IEFF, cedido gentilmente pelo médium e fundador da casa Fernando Ben, de forma gratuita.

Este livro não pode ser vendido de nenhuma forma e nem publicado em outro local sem autorização, sob LEI Nº 9.610, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998.



O MESTRE E O DISCÍPULO

Mensagens canalizadas
por Fernando Ben



Casa de Fátima
Instituto do Estudo
da Filosofia de Fátima

O Mestre e o Discípulo

Mensagens canalizadas
por Fernando Ben

Rio de Janeiro, 2020

IEFF

CATALOGAÇÃO PREPARADA NA
PRÓPRIA EDITORA

Silva, Fernando Ben Oliveira

O Mestre e o Discípulo: Fernando Ben
Oliveira da Silva

Rio de Janeiro, RJ: IEFF, 2020, 42 páginas;

14x21cm



ISBN 978-65-990988-0-2 by IEFF

Título: O Mestre e o Discípulo

Fevereiro de 2020, Publicado no Brasil |

Published in Brazil

Revisão ortográfica: Rosana de Andrade

Arte da capa

Miolo e edição

SUMÁRIO

PREFÁCIO	4
Pergunta 1	5
Pergunta 2	6
Pergunta 3	8
Pergunta 4	10
Pergunta 5	11
Pergunta 6	13
Pergunta 7	14
Pergunta 8	17
Pergunta 9	19
Pergunta 10	20
Pergunta 11	20
Pergunta 12	22
Pergunta 13	23
Pergunta 14	24
Pergunta 15	26
Pergunta 16	29
Pergunta 17	32
Pergunta 18	35
Pergunta 19	36
Pergunta 20	37
POSFÁCIO	39

O presente livro é a transcrição de uma sessão de perguntas e respostas realizadas à consciência a quem atribuímos o nome de Aluizio Fonseca, através do canalizador Fernando Ben. Ao fim, há uma mensagem de uma consciência que se apresenta dando o nome de Antônio feita no mesmo dia.

PREFÁCIO

Louvado seja Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo. Louvadas sejam as mãos daqueles que deixam escapar, nem que seja um cadinho, esperança de luz, de bons costumes, de boa vontade, de simples desejos. Louvado seja você meu filho, minha filha, que consegue deixar escapar um pouquinho, nas tuas mãos, do perfume que vai tocar as pegadas daqueles que vêm, depois que você passar.

Aluizio Fonseca

Indira: O que é ser discípulo de alguém?

Alúizio: Ser discípulo de alguém é desejar verdadeiramente obter conhecimento, aprendizado. Para que aquelas informações passadas, seja de forma teórica ou prática, na conduta da pessoa, possa gerar então condições para que aquele conhecimento, de alguma forma, aquele caminho iniciático, lhe dê os pés seguros para direcionar para o caminho que ele acredita ser o seu auge, o seu ápice. Isso quando nós falamos de Filosofia, de religião, de um caminho de iluminação de uma forma geral, mas pode ser entendido de muitas outras formas. No nosso contexto atual, prefiro acreditar que ser discípulo de alguém, na sua percepção mais profunda, é ter a humildade de buscar o conhecimento que não acredita ter, naquele momento.

Indira: O que é ser mestre?

Aluízio: Todo mestre, quando é mestre, se é mestre, na sua condição de mestre, jamais acha que é mestre. Terá talvez a condição de entender que tem uma experiência que pode trocar, mas na sabedoria já por ser mestre, de que o aprendizado é gerado por todas as pessoas, em qualquer condição de absorção de conhecimento, experiência de vida, de tempo de vida física, de qualquer parâmetro. Porque quando nós observamos a vida de Jesus Cristo ou mesmo quando observamos o comportamento da nossa irmã, da professora Fátima, nós vemos tanta simplicidade, não vemos arrogância. Um desejo genuíno de ajudar, de incentivar. Quando nós tropeçamos falando alguma besteira, algum pensamento que não está certo, não há nenhum julgamento. Não há um caminho correto, melhor, mais acertado porque, na realidade, não há um caminho só para todos. O mestre, na sua concepção de mais próximo da iluminação, ele

compreende que cada ser/indivíduo, na sua situação de encarnado, desencarnado, tem seu caminho próprio para percorrer. Seu caminho de dor, seu caminho de alegria e de amor. Seu caminho de luz e, assim, mesmo que estejam caminhando próximos, de mãos dadas e juntos, jamais, dentro das pessoas, será um caminho único. Para ser mestre, antes de mais nada, tem que entender que jamais teremos a possibilidade de alcançar uma coisa, porque na mesma proporção de que não existe o fim, existirão pessoas que possam ter tanto conhecimento quanto a gente ou até muito mais. É dentro dessa possibilidade de que a percepção do que podemos passar aos outros só se completa quando nós entendemos que todas as pessoas estão, em todos os momentos, passando alguma coisa para a gente.

Indira: Como se reconhece um mestre?

Aluizio: Como se reconhece uma luz? Será que existem mestres como Jesus, como Buda, vivendo hoje nos dias da gente? Será que talvez não seja o momento de entendermos que todos somos mestres e que todos somos discípulos? Nós passamos a Humanidade inteira procurando os seres que podiam se comunicar com Deus, com os seres mais iluminados e torná-los nossos mestres. Nós abaixamos a cabeça para esses seres e os seres genuinamente mestres não queriam isso. Talvez, como diz a professora Fátima, o tempo da culpa passou. Eis que se torna real o tempo da consciência. Assim, que sejamos todos nós discípulos e mestres de nós mesmos e dos outros. Porque em determinado momento seremos mestres em saber, dos nossos amigos e familiares, como noutra momento seremos discípulos dos mesmos amigos e familiares. Daí, quando percebermos isso, entenderemos que a proposta da Filosofia de Fátima

não é buscar um iluminado para seguirmos, mas é iniciarmos o caminho da nossa própria iluminação.

Indira: Qual a tarefa do mestre e do discípulo, um para com o outro?

Alúzio: Sendo uma tarefa pessoal única, intransferível e irrevogável e sempre funcionando como um ciclo, dentro da nossa própria consciência, é apenas entender que nós participamos de papéis diferentes, em um palco que está aberto para todos os reencarnantes.

Indira: Diante de todos os assuntos, o que o discípulo deve aprender?

Aluízio: O discípulo é a ave que se distancia dos pais, distancia do seu grupo. E quando ele volta, se sente sozinho, voando num grupo, seguindo uma onda, um caminho, seguindo todos eles e se sentindo sozinho naquele grupo. Aí ele sai de novo do grupo, se sente feliz. Depois ele volta para o grupo, se sente sozinho de novo. O discípulo é aquele que, ao olhar pelo grupo, é o que se distancia das regras, é a ovelha negra. Mas que dentro da sua própria perspectiva, ele já está cansado de ser a mesma coisa, por tanto tempo. E para que possa conseguir uma forma nova de pensar, ele precisa sair do modelo de pensamento que ele se encontra no grupo. Porque o grupo não é mais seu mestre, mas pode ser mestre de muitos outros que estão no grupo. E aí, no ar livre e voar é o seu novo mestre. O discípulo precisa entender que ele está apto a aprender sempre.

Platão era um discípulo, Sócrates também era discípulo, Aristóteles também era discípulo, porque o desejo de observar a natureza, as coisas, as pessoas, a sociedade e a si mesmo, faziam esse brilho do encantamento das coisas transformarem, pelo diálogo e observação, a sua sabedoria. Diria mais: jamais deixaram de ser discípulos.

Indira: Uma fala que as pessoas fazem no caso de Platão e Sócrates é que o discípulo ultrapassou o mestre. O que seria isso?

Alúzio: Existem muitas perspectivas. Na minha, humilde e limitada perspectiva, Platão só ficou mais conhecido. Quantas outras informações de Sócrates que não foram reveladas ou passadas? Essa é uma perspectiva. Não acho que houve na realidade um maior que o outro, um só ficou mais conhecido que o outro. Algumas ideias mais favoráveis que as outras, mas ideias mudam-se ou transformam-se ou se juntam com outras, para a possibilidade de captação dessas informações, dependendo da sociedade atual. Mas o ser que animou aqueles corpos físicos continua em constante aprendizado.

Cláudia: Existem elementos em comum, por exemplo, psicológicos, que possam persuadir discípulos a seguirem os seus mestres?

Alúzio: Nós estamos próximos daquilo que acreditamos que os outros são, quando colocamos então o pensamento de frequência vibratória, porque nós não temos muito conhecimento sobre esse campo também não. Não digo nós, eu e as consciências, digo nós enquanto encarnados, estamos ainda tateando uma área, sem o conhecimento pleno. E achamos que apenas pelo fato de pensar, nós atraímos ou repelimos os seres que vibram como nós. Contudo, existem muito mais coisas no pensamento do homem do que apenas a frequência. Existe aquilo que acreditamos que o outro pode ser, existe aquilo que acreditamos que nós somos, existe aquilo que acreditamos que vai nos ajudar. Quantos de nós, aqui presentes, num momento de tortura e sofrimento interior, sem saber para aonde ia, não chegou num

terreiro e não pediu uma ajuda para o guia? Aí chega lá e faz assim: meu guia tal (mas é o anjo da guarda da pessoa que está lá). A pessoa vai na igreja evangélica, porque não tem mais resultado, vai na igreja evangélica: Jesus! (e é o anjo da guarda da pessoa que está lá). Vai na igreja Católica, vai nas outras religiões e é sempre o seu anjo da guarda que está lá, representando aquilo que acredita que ele seja. Ou seja, todas as coisas externas são da forma que você acredita que seja. Mas por que eu falei todas essas coisas? Porque para encontrar o seu líder, primeiro você constrói na sua cabeça o que é ideal de crescimento para você.

Se você acredita que seu crescimento está na base financeira, então um apartamento melhor, uma casa melhor, um carro melhor, uma roupa melhor, o seu líder vai ser necessariamente alguém que produza ou que você acredite que produza esses resultados, não é mesmo? Agora, se o seu interesse é de crescimento espiritual, ser uma pessoa melhor, pessoa menos orgulhosa, menos

vaidosa, mais carinhosa com as pessoas, mais atenciosa, dispor mais tempo para ajudar os outros, logo o líder será aquele que representa na sua cabeça essas funções. Mas, dentro da lógica de quem perguntou, eu posso ir um pouco mais a fundo, talvez ajude as pessoas com acesso a essa pergunta. Quem sabe nessa busca desenfreada de um líder e um mestre, quem sabe, seja apenas o deslocamento da insegurança de entender que eu vou buscar fora, aquilo que pode estar em outro lugar. Quem sabe, minha filha?

Indira: Como se dá o aprendizado?

Aluízio: Todas as vezes que temos a humildade de entender que não sabemos todas as coisas e de que mesmo uma criança, com seus dois anos de idade, pode nos ensinar tantas coisas. Todas as vezes que estamos passando por um caminho e observamos uma situação, em vez de ficar cego pelas circunstâncias. Quantas vezes isso acontece, não é mesmo? Nós passamos pelos mesmos lugares, parece que o tempo fica mais curto e não observamos mais as coisas dos lugares. Mas um dia, nós paramos e observamos e vemos que tem uma pessoa agindo de uma forma que nos ensina tanto. A condição do aprendizado ocorre quando o discípulo entende que o mestre dele está, na posição de humildade, a olhar as coisas que estão externas. Porque quando as coisas lá fora se modificam, no nosso olhar, é porque nós estamos mudando primeiramente. Sendo assim, o aprendizado ocorre quando o indivíduo, o ser, a consciência, toma

juízo e conta de que, ao observar a si e o mundo, aquilo causa a transformação necessária. Daí, não serão meros acúmulos de informação que farão dele algo na vida, porque não faz nenhuma diferença do lado de cá, mas como ele despertou aquelas informações e podem ser úteis, mesmo que não repassadas, mas somente ao observarem a quem aprendeu.

Indira: Qual o tempo necessário para aprender?

Aluízio: Qual o tempo necessário para esquecer que aprendeu? Qual o tempo necessário para que a gente possa ensinar novas coisas? Qual o tempo necessário para se olhar um bem-te-vi ali na sua frente? Qual o tempo necessário para ver uma criança andar pela primeira vez? Qual o tempo necessário se a gente pudesse ver, em câmera lenta, uma gota caindo e tocando o riacho? Qual o tempo necessário para que a gente possa colocar nosso corpo numa água fresca, numa cachoeira? Qual o tempo necessário para a gente ficar exposto a dor de perder um filho, uma filha, uma pessoa que a gente ama? Qual o tempo necessário para que as coisas fiquem, para que a gente deixe ir? É tão único, assim como o aprendizado.

Indira: O mesmo conteúdo pode ser aplicado para várias pessoas e ter o mesmo resultado?

Alúzio: Nunca, minha filha. Nunca, minha filha.

Indira: Por que essa variedade?

Alúzio: Quando Jesus Cristo abriu a boca era um sol dentro de um vaso que se rachava pela potência de energia e de conhecimento de luz. Os homens falaram tantas coisas, falaram que Madalena era prostituta e não era, só para tirar aquele ser, que estava tão próximo de Jesus, por inveja, por ciúme. Mas Jesus, quando abria a boca, e o sol que iluminava as pessoas, cada um entendia à sua maneira, de acordo com as suas necessidades pessoais. Diga-me o que tu desejas e eu te direi até que ponto tu vais aprender aquilo que eu estou passando agora. Sendo o foco o desejo ou a necessidade, daí a forma como vamos absorver. Abstraindo então as necessidades

primordiais, o desejo que consome o ser humano, talvez o caminho iniciático seja muito mais proveitoso.

Indira: Quando um discípulo descobre que já está pronto?

Aluízio: Quando ele entender que jamais estará pronto. Mas também que parado ele não fará nada de diferente. Quando o trabalhador sabe que está pronto? Quando souber que ele é produto inacabado para sempre. Que se ele for esperar ficar curado, bonzinho, ele não vai fazer nada para ajudar. Assim é o discípulo, quando ele entender que ele precisa semear, mesmo aprendendo, e que aprenderá semeando, nesse momento, ele entende que pronto ele não estará nunca. Mas pronto, chegou a hora de começar.

Indira: Se há outras vidas, qual a necessidade de reaprender as coisas?

Aluízio: Respondendo da forma mais simples, direta possível: é porque o ser humano é teimoso demais. O ser humano é teimoso demais. Ele precisa passar uma vez, aí volta, aí passa de novo, aí volta, aí passa mais duas, três vezes, aí volta de novo, porque ele precisa ser assim, é teimosia. Quando a teimosia sai, ele cansa, cansa daquilo. Meu filho, você é uma criança, não fique segurando o unguento durante muito tempo, vai fazer ruim e a sua mão vai arder, você vai..., e a criança faz. Chega um momento que ela perde a sensibilidade, entende? Causa uma dor tão grande e não faz mais. Nós reencarnamos para que o aprendizado se torne tão forte na alma, na consciência, e que não precise a gente passar mais por aquilo. Logo, se não nos sentimos culpados, responsáveis e vinculados àquele determinado drama, ele nem passará perto da gente.

Indira: Por que alguns seres preferem encarnar em missões, enquanto monges ou padres e seguirem um caminho iniciático, enquanto outros preferem estar em sociedade?

Alúzio: Há muitos motivos para que as pessoas escolham o seu caminho iniciático. Particularmente percebo que, encarnando nas zonas urbanas, os estímulos são maiores, o aprendizado também pode ser maior, principalmente para algumas questões de paciência, de humildade, simplicidade, de relações afetivas, relações interpessoais, mas cada um procura o seu momento de absorver. Existem aqueles monges que querem primeiro absorver, na prática, para seguir falando depois. Existem os que preferem vir, falar e aprender depois que fala. Existem aqueles que vêm, observam, não falam e não fazem nada depois, cada um com o seu tempo e com a sua maneira de aprender. Não vejo, entre mim e as consciências presentes, o que cabe talvez melhor,

ou melhor ou pior, para aquele reencarnante, seja um monge ou padre, ou uma pessoa no cotidiano no Rio de Janeiro, por exemplo, mas, com certeza, no Rio de Janeiro e em muitas outras metrópoles, precisam-se de muito mais pessoas com o coração bom para ajudar, do que nos desertos e nos lugares mais longínquos e mais altos.

Indira: Alguns discípulos de Jesus ficaram conhecidos como arquétipos. Tomé, o descrente. Pedro, o pecador. Judas, o traidor. Qual o papel dos discípulos de Jesus?

Alúzio: Existe uma figuração, existe uma necessidade humana de criar esses arquétipos, de personificar aquilo que eles acreditam, que é muito parecido em outras histórias míticas. A grande verdade é que a maioria dos discípulos eram mulheres. E foi necessário então que o movimento religioso, daquela época, não pudesse divulgar ou ter documentos de que isso fosse um conhecimento público, para não estimular um sentimento real, de machismo, de poder e de fundamentalismo. Observe bem minha filha: quem eram queimadas na fogueira, eram as bruxas. E os bruxos? Não tinha bruxo? Só tinha bruxa? As bruxas só eram as mulheres? O pensamento recorrente é que continuasse tudo da mesma forma: os homens mandando e as mulheres obedecendo, os pobres fazendo o que tinha que ser feito, e se queria

uma religião, eles tinham aquele pensamento ali para eles, para se acalmar mais um pouquinho, um cadinho. Essas ideias eram necessárias a fim de construir um modelo de pensamento, que não cabe mais para a gente. Que pode ser necessário para uma discussão, mas que mesmo que nós possamos ter, dentro da nossa cabeça, o arquétipo de cada discípulo daquele, mesmo assim, não fará diferença nenhuma, porque no momento da sua iluminação pessoal, esses arquétipos se confluem, se destroem e se agregam em outras possibilidades e outros arquétipos.

Sendo assim, o que é mais importante é observar. Será que ao ouvir Jesus, em uma determinada parábola, como ouvia quando era criança, eu já entendo de uma forma diferente ou eu observo do mesmo jeito? Será que eu ainda busco Jesus da forma quando eu era adolescente ou ele para mim já tem uma importância, um desdobramento na minha cabeça de forma diferente? Os discípulos tiveram a possibilidade de absorverem, de

propagarem e de crescerem, cabendo a cada um, a si, a felicidade do dever cumprido, ou não. Mas acreditamos ainda que, na humildade, na simplicidade de Jesus, é que deva permanecer o nosso foco, o nosso pensamento. Porque nós estamos olhando muitas pessoas importantes, nas suas roupas caras e nos seus palanques altos de três andares. E Jesus andou descalço, simples, mesmo quando podia ter e se vestir muito melhor, para que todos tivessem acesso àquela informação. E se Jesus estivesse encarnado hoje, mesmo os cristãos não entenderiam. E ele falaria as mesmas coisas, de uma forma diferente, mas as pessoas ainda teimariam em não entender, porque as pessoas querem a forma e Jesus é essência. Cabendo ao discípulo não buscar um mestre pela forma, mas pela essência.

Cláudia: Os discípulos tiveram várias interpretações das mensagens de Jesus. De todos, qual ou quais mais compreenderam a palavra por ele pregada?

Alúzio: Que todas as respostas sejam dadas aqui pela minha percepção, pela minha janela, pela minha visão. Que sejam interpretadas na realidade como a minha própria perspectiva de conhecimento, que ainda é muito limitada. Mas na presença das demais consciências aqui, eu me arriscaria a falar algumas coisas, que podem ajudar a todos nós, a partir de agora, a interpretar melhor as coisas. E assumindo ainda um desejo de nossa professora Fátima, desconstruir algumas ideias.

Todos os discípulos aprenderam direitinho o que era para fazer. Cada um na sua perspectiva. Então o ensinamento não era um ensinamento só para todas as pessoas? O ensinamento era um, mas cada um dos discípulos aprendeu de uma forma diferente. Engraçado, Deus, porque são mentes diferentes! Porque se todos

dissemem que aprenderam da mesma maneira, alguém estaria mentindo. Bem, se todas as pessoas aprenderam de uma forma diferente, quem aprendeu melhor? Cada um tem seu limite, tem a sua forma de aprender as coisas. Aquele que se esforçou mais para aprender e colocar em prática, aprendeu melhor. Então não foi Pedro? Então não foi João? Quem foi o discípulo que melhor te serviu? Aquele que, nas suas condições particulares, se esforçou muito mais. Talvez Judas seja o melhor dos discípulos, porque o que mais se esforçou, mesmo não tendo conseguido. Isso, somente a força criadora, Deus, assim como o chamam, poderá ter a possibilidade de avaliar com profundidade. Quanto a mim, o que posso dizer é que não eram só doze. Eram discípulos demais, inclusive, muito mais mulheres do que homens. O que eu gostaria talvez era deixar algumas perguntas para vocês: por que será então que dos discípulos só ficaram os homens? Por que então somente desses discípulos homens que foram propagadas as ideias? E quando

falam na Bíblia de todos que saíram para pregar? O número era muito maior do que doze. Onde estão os nomes desses irmãos? Por que alguns nomes ficaram em evidência e outros não? Porque algumas personalidades dessas evidências... será mesmo que Pedro era daquele jeito, de pegar a faca e cortar a orelha dos outros? Será mesmo que João era aquela mansidão toda? Será mesmo que foi Judas que traiu? Será que não tem informações que foram colocadas como personagens que lembram outras histórias míticas? Apesar de concordar e saber que Jesus é real. E foi tão real encarnado como qualquer um de nós aqui presente. Trago essas perguntas para que a gente saia da zona de conforto, de achar que um ou outro é melhor. Para poder a gente ter a necessidade de seguir um líder, mas a liderança.

Cláudia: Fátima, em uma psicofonia na antiga Casa, nos revelou que viveu na época de Jesus, como seguidora do Mestre. E, segundo ela, alguns trabalhadores da Casa (de Fátima) também estiveram lá, mas não se lembravam. Se for permitido, gostaria de saber se os trabalhadores que estiveram com o Cristo eram seguidores ou carrascos.

Alúzio: Os maiores carrascos eram os seguidores. Porque na incapacidade de entender a profundidade do amor de Jesus, se tornaram carrascos a si mesmos e carrascos de uma sociedade inteira, pela impossibilidade de passar a glória, a luz e as bênçãos que Jesus estava dizendo naquele momento. Cada vez que Jesus abria a boca, era um farol que iluminava. E na impossibilidade, se eu fosse um seguidor, eu seria o maior carrasco de Jesus. Nós nos acostumamos com a ideia de que existe muito, no senso comum, isso. As pessoas comentam, “mas meu Deus eu fiz alguma coisa, coloquei alguma coisa para Jesus, eu chicoteei Jesus, eu fiz alguma coisa

para a minha vida estar desse jeito, joguei pedra na cruz de Jesus.” Como se Jesus estivesse preocupado em punir as pessoas. Como se nós, pela ignorância, pela pequenez da alma, causássemos nossos próprios males, através das reencarnações, não fosse suficiente de maldade. Nós ainda queremos que um ser de luz seja responsável para punição daquilo que nós realizamos.

Haja culpa, meus filhos. Resolvam essas culpas, meus filhos. Que Deus não culpa ninguém não. Só nós que vamos criando os nossos deuses, nossos demônios, para dar um jeito de equilibrar a nossa cabeça. Então acredito, piamente, que independente de qual seja a perspectiva, de como esses seres, que estão aqui, estiveram naquela época, o mais importante é que se estão se esforçando, verdadeiramente para ser uma pessoa melhor, um ser melhor. Porque nada adianta chegar do lado de lá, que não vira santo. Vamos ser o que nós somos. E nós somos o fruto do esforço que nós empregamos para realizar de melhor na vida. O resto é apenas folclore, são apenas

representações, imagens, para acreditarmos estar num local que não existe.

Indira: Essa pergunta é para o entendimento do público que não acompanha as comunicações da Filosofia de Fátima. Madalena é conhecida como a apóstola dos apóstolos, por ter passado aos discípulos a boa nova da ressurreição de Jesus. Madalena foi discípula de Jesus?

Alúzio: Madalena era mulher de Jesus. Era discípula e mestra de si e do Mestre.

Indira: Madalena tinha discípulos?

Alúizio: Todas as pessoas que buscam a sua iluminação pessoal, que se sentem seguras disso, outros virão para aprender [com elas]. Nós somos discípulos de Madalena também.

Indira: O senhor tem alguma mensagem final para esse livro?

Alúizio: Que jamais cesse àquele que lê, ou que nos escute, o desejo de aprender e que jamais cesse também a vontade de entender que Aquele que nos criou, depositou dentro de nós as maiores riquezas que podemos encontrar em qualquer lugar. Porque onde nós formos, se somos tristes, estaremos tristes. Podemos estar no Havaí, estaremos tristes, no Canadá, estaremos tristes, no Rio de Janeiro, estaremos tristes. Mas se estivermos felizes, em qualquer lugar do mundo, estaremos felizes. Assim, a maior riqueza não está fora, mas está dentro, dentro da alma, do coração e da mente do indivíduo. Minhas filhas, meus filhos, que não falte esse desejo, como dos antigos filósofos, de nos encantarmos pela vida e pela natureza, por mais dor que tenhamos. De sermos simples como Jesus e de entendermos que é nessa simplicidade

que se transforma o mundo. Louvado seja Deus e Nosso
Senhor Jesus Cristo.

POSFÁCIO

Salve a presença do Cordeiro. Salve a presença daqueles que divisam a luz, mas estão presos na lama. A minha colaboração neste momento é a seguinte: a colaboração de quem ainda se veste com a lama.

Certo dia, um homem andava no pântano durante muitas horas. Os pés estavam machucados. Uma hora, o pé passava por dentro de buracos escondidos na lama e cortava. Cada vez que passava um passo dele, ele ficava mais desesperado. Era noite, seus pés só tinham lama. Ouvia, pelo silêncio, as criaturas que viviam por lá. Deixavam ele ainda mais preocupado, tateava, tentando encontrar o melhor caminho.

Outro momento ele tentou correr. A lama, às vezes, na passada, cobria o joelho. E quando ele mais se desesperou, quando caiu e o rosto e o corpo ficaram cobertos de lama e, achando que não tinha mais solução nenhuma, eis que virou a cabeça para cima, tentando arrumar uma melhor forma de se entregar, pois não tinha

mais solução para ele. Numa fresta, que surgia de umas árvores, viu um pouco da luz da lua. Tentou relaxar mais um pouco e daquela luz da lua, acompanhando o dia, eis que um lírio brotava livre, lindo, claro, com uma beleza rara, ali no pântano. Tudo ao seu redor cheirava mal, seu corpo cheirava mal, as preocupações eram grandes, mas foi quando ele achava que não mais havia solução, ele viu esperança. Como todo bom combatente, guerreiro, que segue o Cordeiro. E na esperança que havia luz do luar e aquela linda imagem na sua frente, esperou o ar chegar de novo. Com o pouco de luz que surgiu, ele foi voltando, tateando e achou o caminho de volta.

Nós vamos passar a vida mergulhados no pântano, ou vamos relaxar um pouco e pedir ajuda ao Cordeiro, para sair dessa lama que nos envolve? Aquele homem entendeu, no seu momento de dor, que ele era o seu maior mestre. Fique com o Cordeiro.

Um abraço do seu irmão,

Antônio

Você conhece a Casa de Fátima?

Gostaria de conhecer?

Então acesse www.casadefatima.org